

Steven Rozenski, Joshua Byron Smith e Claire M. Waters. Eds. *Mystics, Goddesses, Lovers, and Teachers. Medieval Visions and their Modern Legacies. Studies in Honour of Barbara Newman*. Turnhout: Brepols, 2023. 420 p. ISBN: 9782503599748. Hardback: 85€

Revisto por MARIA PINHO  
Instituto de Filosofia, Universidade do Porto  
mariapinhosh@hotmail.com

Este volume, editado por Steven Rozenski, Joshua Byron Smith e Claire M. Waters, compila um conjunto de estudos sobre o visionarismo medieval e o seu legado moderno. Forjada em honra de Barbara Newman, incontornável figura no âmbito da crítica literária, do medievalismo, da história religiosa, da espiritualidade feminina e da mística, esta obra mantém com a autora uma espécie de relação especular ao engendrar-se multidisciplinar, como multidisciplinar e diversa é a investigação de Newman, qualidade essa que fica bem ressalvada e demonstrada nas introduções deste volume, mas também um pouco por todo o seu decurso, sendo que autora é amiúde citada a propósito de matérias distintas.

De facto, esta obra está organizada em três partes essenciais, cada uma delas dizendo respeito a três grandes tópicos, o que não implica que cada um dos estudos incorporados em cada secção não possua perspetivas, também elas, distintas entre si. A nível temático e de autores este é um volume bastante rico, procurando refletir a transversalidade dialogante que é predicado necessário para uma investigação mais profícua.

A primeira parte centra-se sobre o tema da mística e das visões místicas, apresentando um leque variado de estudos. Kathryn Kerby-Fulton trata Hildegarda de Bingen e as iluminuras presentes na sua obra *Scivias*, concedendo novas pistas sobre os processos de produção das mesmas e sobre a sua autoria. Jesse Njus foca-se sobre Juliana de Cornillon, explicitando a sua estreita ligação com a introdução da festa de Corpus Christi nas celebrações católicas, bem como resgatando a influência da sua teologia eucarística e crística, de forte apologia da transubstanciação, na *mimesis* patente nas peças medievais redigidas em vernáculo e forjadas no âmbito daquela festa litúrgica. Neste sentido, coloca-se a descoberto a arduidade da justa atribuição da autoria feminina que ainda persevera, intentando combatê-la. Andrew Kraebel debruça-se sobre *Canticum Amoris* de Richard Rolle, investigando este poema endereçado à Virgem Maria nos seus conteúdos, temas e formas, mas também no âmbito dos dois manuscritos que subsistem e das traduções mais recuadas. Inclui-se, ainda, no fim, a transcrição do poema em latim e, de seguida, a sua tradução para o inglês, o que muito é fértil no que toca não somente o estudo mais propriamente filológico do *Canticum Amoris*, servindo também um preceito de difusão e de acessibilidade ao apresentá-lo traduzido para um das línguas mais faladas no mundo. Nicholas Watson revisita Julian of Norwich e a sua

emblemática obra *Revelation of Love*, texto que integra as revelações que a mística recebe por intervenção divina, mas que vem a redigir apenas quinze anos mais tarde. Watson, além de refletir sobre esta componente anagógica e divina do texto, vem a demonstrar, na esteira da hipótese de Barbara Newman, que ele é fruto de dois ciclos de ampliação e de revisão. Laura Saetveit Miles trata, precisamente, esta questão da escrita por inspiração divina e dos processos visionários nela patentes, em Juliana of Norwich e em Philip K. Dick. Reflete ainda sobre a limitação da linguagem humana face à plena descrição da experiência extática e mística que dá origem a estas textualidades, orientadas à expressão da infinidade de Deus através de mecanismos estilísticos e descritivos próprios. Bernard McGinn explora o que considera ser um místico negligenciado, Tomás de Jesus, explicitando a sua biografia e detendo-se na sua obra principal, o tratado *Divine Prayer*. Um breve nota para o facto de McGinn não mencionar a pegada deste carmelita em Portugal, que foi sem dúvida considerável, e que a presença de livros da sua autoria em diversas livrarias monásticas portuguesas corrobora (exempli gratia, *Compêndio de Orações*, de 1615, presente na livraria do Mosteiro de S. Dinis e de S. Bernardo de Odivelas). Não obstante, o autor apresenta trechos de *Divine Prayer* traduzidos para o inglês, o que é, sem dúvida, uma mais-valia, em muito contribuindo para a difusão da obra deste importante místico. Carla Arnell, num salto que à primeira vista parece temático e que é sem dúvida temporal, apresenta Charles Williams, perspetivando-o enquanto autor cuja poesia arturiana se encontra insuflada de um teor um tanto místico e teológico, em que as metáforas matemáticas configuram um sentido de sagrado.

A segunda parte deste volume incide sobre Deusas e os seus legados, históricos ou simbólicos. Maeve Callan investiga *Mary of the Gael*, Virgem adorada na Irlanda medieval, relacionando-a com outros santos irlandeses e até com movimentos heréticos, ressaltando a sua importância no coração da devoção (e também da polícia) na Irlanda da Idade Média. Katharine Breen trata as personificações da fama desde Hesíodo a Chaucer, refletindo sobre a qualidade feminina e deificada desta figura de estilo, amiúde produto de processos imaginativos combinados com processos de incorporação, capazes de unir real e imaginário. Lora Walsh explora também esta capacidade simultaneamente simbólica e imanente destas textualidades de fundo espírito-devoto (e eclesiológico) ao debruçar-se sobre a Igreja Mãe enquanto deusa cristã no *Tractatus de Ecclesia* de John Wyclif. Susan E. Philips e Claire M. Waters enfatizam a presença e papel de deusas em diversas tradições, que servem frequentemente como a porta de entrada de imagéticas associadas à maternidade ou, melhor, ao feminino maternal divinizado.

A última secção é a mais abrangente a nível temático. Carissa M. Harris trata a colisão (ou comunhão) entre os mundos secular e religioso através de narrativas medievais que continham matérias obscenas e sexuais, e que circularam amplamente em diversas fontes, constituindo, por vezes, instrumentos pedagógicos. Harris chama ainda pertinentemente a atenção para a necessidade de *crossover* no processo investigativo, mecanismo que, de resto, sustenta o seu artigo. Stephanie Pentz estuda a

teologia pacifista de coordenadas não-violentas no *Alliterative Romance of Alexander and Dindimus*, apresentando as críticas à guerra santa que aí se tecem, bem como às Cruzadas, demonstrando como este foi um documento pouco ortodoxo na moldura da conceção teológica do seu tempo. Craig A. Berry retoma Chaucer, investigando o aspeto autoral e de identidade autoral como mecanismo redentor e salvífico no plano escatológico. Dyan Elliott explora, por seu turno, os rituais fúnebres pagãos e cristãos, demonstrando como o desprezo pelo corpo defunto dos inimigos era um *modus operandi* da Roma Antiga. Trata, também, do culto cristão das relíquias, apontando a sua ligação com o martírio dos primeiros tempos do cristianismo, amiúde conseguido pela perseguição e profanação dos corpos dos seus fiéis e das suas campas, a que se liga, ainda, a forte apologia à ressurreição arquetípica da espiritualidade cristã, que terá sido uma resposta à necessidade de um ritual fúnebre apropriado.

Concluo, por um lado, assinalando a pertinência desta obra na sua abrangência e atualização, e, por outro, forçosamente reiterando o viés transdisciplinar que une todos os estudos que integram este volume e que, sendo consagrados a Barbara Newman, certamente lhe fazem justiça.